

Rodrigues dos Santos reage a crítica sobre reportagens: “Azar, eu falo”

Grécia. O acompanhamento das eleições feito pelo enviado especial da RTP fez estalar a polémica entre críticos e redes sociais e já motivou queixas. “Infelicidade”, dizem uns, “bom trabalho”, defende o diretor. Pivô vinca a sua posição

CARLA BERNARDINO

José Rodrigues dos Santos volta a estar sob fogo cruzado. A questão prende-se com a cobertura das eleições gregas, vencidas pelo Syriza e por Alexis Tsipras, e em particular por reportagens em que o jornalista, pivô da RTP1 e enviado especial àquele país falava da pequena e grande corrupção, fuga aos impostos e os subsídios fraudulentos. “Os gregos inventam mil estratégias para não pagar impostos”, afirmou.

Num outro momento, relatou “a pequena corrupção generalizada na Grécia”: “Por exemplo, muitos dos gregos que passam a pé diante da casa do antigo ministro da Defesa — comprada com o dinheiro dos subornos do negócio dos submarinos — são paráliticos, ou melhor, subornaram um médico para obter uma certidão fraudulenta de deficiência que lhes permite receber mais um subsídiozinho.”

Esta cobertura noticiosa acabou por valer a dura crítica do professor de Política Internacional, na Universidade de Coimbra, José Manuel Pureza, em direto na noite de domingo, na RTP Informação, e gerar contestação nas redes sociais. O académico considerou, referindo-se ao trabalho do jornalista da RTP, que “infelizmente” não estava a ser cumprida a “missão de serviço público” na “cobertura das eleições da Grécia”. José Rodrigues dos Santos reage e diz “não” entender “a observação”. “Foi dito alguma coisa que é falsa? Ou só se podem dizer coisas com que os políticos concordem?”, respondeu o pivô ao DN.

José Manuel Pureza explicou o porquê da sua análise: “Creio que esta cobertura passou por momentos de infelicidade, estou a utilizar as palavras mais brandas que consigo, como, por exemplo, a peça transmitida sobre os gregos que passavam em frente à casa do antigo ministro da Defesa, ele sim preso por corrupção, que eram todos paráliticos que andavam à procura de um subsídiozinho. É profundamente insultuoso para o povo grego”, afirmou.

“Em que sítio se ouviu a frase de que os gregos ‘eram todos paráliticos’? Fui verificar a reportagem e o que lá está é ‘muitos’ gregos, o que me parece ligeiramente diferente de ‘todos’”, contrapõe José Rodrigues dos Santos. “Também foram feitas



José Rodrigues dos Santos foi o enviado especial da RTP às eleições na Grécia

reportagens sobre ‘muitos’ sem-abrigo vítimas da crise e não se pode concluir que ‘muitos’ sem-abrigo queira dizer que todos os gregos são sem-abrigo. Ou pode? Por que razão se pode dizer que há na Grécia muitos sem-abrigo, mas já estamos proibidos de dizer que muitos gregos subornaram médicos para obterem declarações fraudulentas de deficiência para que tenham acesso a subsídios?”

E o pivô prossegue: “O serviço público só pode dizer as verdades que convêm aos políticos e não pode dizer as verdades que não convêm aos políticos? E a afirmação sobre o ministro da Defesa, dizendo ‘ele sim preso por corrupção’, parece sugerir que ignorei esse facto. O azar é que não ignorei. Toda a primeira parte da reportagem é justamente a falar sobre o ex-ministro da Defesa preso por corrupção. E a relação entre a parte da reportagem em que se fala da pequena corrupção para obter subsídios, prática integrada na Grécia no chamado *fake-laki*, e a escolha dos gregos é ainda mais extraordinária. Mas em algum ponto da minha reportagem se faz relação entre a pequena corrupção e a escolha do povo grego? Qual a frase em que essa relação é feita na reportagem?”, inquiriu o pivô.

Confrontado com as críticas, o diretor de Informação da RTP, José Manuel Portugal, venceu que discorda delas. “O diretor de Informação ouve e respeita todas as críticas, mas não concordo com elas. José

Rodrigues dos Santos está a fazer um grande trabalho para mostrar o dia-a-dia e as decisões dos gregos e o trabalho de um enviado especial deve ser visto no seu todo, e neste caso é absolutamente exemplar”, declarou.

O responsável recusa a expressão de “infelicidade” e diz não comentar as críticas, considerando que “Pureza está no seu direito de dizer o que pensa e de o fazer em direto, na RTP”. Já sobre a polémica nas redes sociais, José Manuel Portugal reage: “Ainda bem que há!”

“Por que razão optou a RTP por explicar as causas internas da crise grega? Porque é o seu dever”, sustenta o pivô. “O nosso trabalho é mostrar causas e consequências. A crise grega tem causas externas, de que se tem falado abundantemente ao longo do tempo e às quais a Grécia é alheia (o colapso do Lehman Brothers e a globalização com a consequente deslocalização de empresas para mercados com mão-de-obra mais barata, por exemplo), causas mistas internas/externas (os defeitos da arquitetura do euro) e causas internas, de que raramente se fala porque é pouco habitual termos jornalistas na Grécia”, explicou. “Não somos obrigados a, sempre que se fala de

uma coisa, apresentar na mesma reportagem a outra. O equilíbrio faz-se no tempo. Acontece que, no que diz respeito à crise da Grécia, havia um desequilíbrio na explicação das suas causas”, acrescenta.

Para o jornalista, estar na Grécia “foi uma oportunidade para analisar as causas internas da crise”. “Falando com a secção grega da Transparência Internacional (TI), uma ONG contra a corrupção, a RTP obteve muita informação sobre essas causas internas. Kostas Bakouris, presidente da secção grega da TI, enumerou três problemas fundamentais: a grande corrupção, a pequena corrupção e a fuga aos impostos. Dessas três, disse ele, a mais importante é a pequena corrupção: ‘Não pelas quantias em questão, mas porque está em toda a parte. É verdade que temos problemas económicos, mas o problema fundamental é que temos uma crise de valores, de padrões éticos, de coesão comunitária e de liderança. Se não resolvermos a corrupção, não resolveremos os problemas económicos’. São palavras de Kostas Bakouris”, diz José Rodrigues dos Santos.

“Não cabe aos jornalistas deixar de falar da grande ou da pequena corrupção porque este ou aquele político não gosta. Há quem não goste que se fale do ex-ministro da Defesa preso por corrupção no negócio dos submarinos. Azar, porque eu falo”, declara o jornalista da RTP.

José Manuel Pureza mantém a sua posição, faz “um juízo muito negativo do trabalho” e afirma que “foi um serviço mal feito à sociedade portuguesa e que não se enquadrava” no que considera ser “os parâmetros do serviço público”. Vinca que deu o exemplo que mais o chocou, mas refere outros. “Na apresentação dos resultados ou na narrativa do dia seguinte há uma expressão de opinião que é enviesada e merece crítica. E não deve ser feita doutrina. O que ali está é interpretação e mesmo que não sejam todos, quando se diz que hoje [ontem] os gregos foram para os cafés refletir na situação que criaram, é claro do ponto de vista da avaliação, da acusação de que os gregos criaram uma situação complexa, reprovável. São exemplos claros, evidentes e cristalinos”, conclui.

PROVEDOR

RTP recebeu “uma dezena” de queixas

O provedor do espectador da RTP, Jaime Fernandes, declarou ao DN ter recebido, até ao fecho desta edição, “à volta de uma dezena de protestos, alguns virulentos e violentos, altamente críticos, considerando que as reportagens estavam mal feitas”. “Vou tentar perceber o que se passou e vou ter de responder”, acrescentou. Já a Entidade Reguladora para a Comunicação Social afirmou não ter recebido qualquer queixa relativa à cobertura noticiosa das eleições gregas por parte de qualquer órgão de comunicação social que tenha estado naquele país a fazer o acompanhamento do sufrágio.